

Processos de mediação: da mídia primária à mídia terciária

Media processes:
from primary to tertiary media

José Eugenio de O. Menezes

Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP
Docente pesquisador da Faculdade Cásper Líbero
Membro do CISC - Centro Interdisciplinar de Semiótica da
Cultura e da Mídia
jemenezes@uol.com.br



Resumo

O artigo aborda a complementaridade entre as mídias e a referência de todas as mídias ao corpo como sinal da emergência de novas perspectivas no estudo da comunicação. Explícita, a partir da contribuição teórica de Harry Pross, a importância da interação entre as ciências da comunicação e as ciências da cultura na compreensão da complementaridade entre mídia primária (corpo como mídia), mídia secundária (quando um corpo utiliza uma ferramenta para se comunicar com outro corpo, como acontece nos meios impressos) e mídia terciária (quando todos os corpos envolvidos nos processos comunicativos precisam de ferramentas, como acontece nos meios eletrônicos).

Palavras-chave: comunicação, cultura, corpo, vínculos e mídia.

Abstract

The article approaches the complementarity between media types and the reference of all media to the body as a sign of the emergence of new perspectives in the study of communication. Based on Harry Pross' theoretical contribution, it explains the importance of interaction between the sciences of communication and the sciences of culture in the understanding of the complementarity between primary media (the body as media), secondary media (when a body uses a tool to communicate to another body, as in the print media), and tertiary media (when all bodies involved in the communicative processes need tools, as in the electronic media).

Key words: communication, culture, body, links, media.

Resumen

Este artículo trata la complementariedad entre los medios y la referencia de todos los medios al cuerpo como signo de emergencia de nuevas perspectivas en el estudio de la comunicación. Explícita, a partir de la contribución teórica de Harry Pross, la importancia de la interacción entre las ciencias de la comunicación y las ciencias de la cultura en la comprensión de la complementariedad entre los medios primarios (cuerpo como media), los medios secundarios (cuando un cuerpo utiliza una herramienta para comunicarse con otro cuerpo, como ocurre en los medios impresos) y los medios terciarios (cuando todos los cuerpos involucrados en los procesos comunicativos necesitan de herramientas, como ocurre en los medios electrónicos).

Palabras clave: comunicación, cultura, cuerpo, vínculos y medios

Uma teia de vínculos

Os mais conhecidos textos da (in)disciplina Teoria da Comunicação enfatizam um conjunto de mapas para os estudos dos processos comunicativos¹, com ênfase nos meios de comunicação de massa² ou propõem, mais recentemente, a implosão dos estudos da comunicação no contexto do ciberespaço³.

Nesse contexto, trabalhamos com algumas perguntas fundamentais. Como não limitar o estudo da comunicação ao estudo dos meios de comunicação? Qual a importância dos vínculos, da interação face a face, no estudo da comunicação?



Na tentativa de buscar as raízes dos processos de comunicação, analisamos inicialmente a importância da mídia primária, conceito criado por Harry Pross para as relações face a face, a interação direta entre os corpos. Uma das hipóteses de nosso trabalho é mostrar que a complementaridade entre as mídias e a referência de todas elas ao corpo possibilitam a emergência de novas perspectivas no estudo das Teorias da Comunicação.

Como exemplo, lembramos que o rádio, mídia sonora que envolve toda a pele, tem a capacidade de vincular os corpos e, em conjunto com outras mídias, possibilitar a sincronização da vida em sociedade.

Consideramos, a partir do desenvolvimento da Teoria das Mídias de Harry Pross, a importância da interação entre ciências da comunicação e ciências da cultura na compreensão da complementaridade entre a mídia primária, a mídia secundária e a mídia terciária. Utilizamos uma metodologia qualitativa e trabalhamos com fontes bibliográficas de autores que dialogam com os conceitos de Harry Pross⁴, privilegiando as relações entre comunicação e cultura.

Esse processo nos permite observar a importância dos vínculos como relações entre corpos que acontecem nas mídias primária, secundária e terciária e, especialmente, pleitear a urgente reflexão sobre um fato que normalmente é olvidado nos estudos das Teorias da Comunicação: os corpos estão antes e depois das máquinas.

Utilizamos a palavra *vincular* para nos referirmos a laços que unem dois espaços. Vincular no sentido, observado por Baitello, de se “ter ou criar um elo simbólico ou material, constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para a comunicação”⁵. Assim, enten-

¹ Conf. Venício Lima. “Modelos teóricos para o estudo das comunicações” (manipulação, persuasão, função, informação, linguagem, mercadoria, cultura e diálogo). In: Lima, V. *Mídia: Teoria e Política*, p. 38-39. As quatro obras mais conhecidas pelos pesquisadores brasileiros de Teoria da Comunicação, segundo Venício Lima, são: DeFleur, M.L. e Ball-Rokeach, S. *Teorias da Comunicação de Massa*; Miège, Bernard. *O pensamento comunicacional*; Mattelart, A. e Mattelart, M. *História das teorias da comunicação* e Wolf, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. Conf. também Marcondes Filho, Ciro. *O espelho e a máscara. O enigma da comunicação no caminho do meio*, p. 186-187.

² Dois autores brasileiros reuniram os mais conhecidos textos da disciplina Teoria da Comunicação: Gabriel Cohn, (Org.) *Comunicação e Indústria Cultural* e Luiz Costa Lima (Org.) *Teoria da Cultura de Massa*. O estudo mais recente a respeito de uma teoria da comunicação linear e em rede foi publicado por Muniz Sodré. *Antropológica do Espelho*.

³ Nessa linha destacamos, entre outros, Eugênio Trivinho. Conf.: “Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do cyberspace”. In: Silva e Fragozo (Org.). *Comunicação na Cibercultura*.

⁴ Harry Pross, cientista político e cientista da comunicação, nasceu em Karlsruhe, Alemanha, em 1923. Depois de atuar como jornalista (*Deutsche Rundschau*, 1955-1960) e radialista (Rádio Bremen, 1963-1968) assumiu, de 1968 a 1983, a cátedra de Política da Comunicação do Instituto de Comunicação da Universidade Livre de Berlim. Em sua primeira visita ao Brasil, em 1990, participou do Seminário Internacional de Jornalismo (Instituto Goethe, 16 a 18 de outubro), onde abordou o tema: “A Imprensa perdeu o pé da história”. Em 1997, voltou ao Brasil para participar do seminário “A explosão da Informação. A vida entre o real e o virtual”, evento promovido pelo Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia - CISC, realizado no SESC Paulista, no período de 26 a 28 de agosto de 1997.

⁵ Norval Baitello. *O animal que parou os relógios*, p. 86.

demos que a sociedade se constitui por um conjunto de vínculos.

Tanto na evolução filogenética, ou estudo da evolução das espécies, como na evolução ontogenética, ou história da evolução do indivíduo desde a fecundação até a maturidade para reprodução, observamos que os animais utilizam códigos que permitem a vida em sociedade. Nesse contexto, entendemos que os processos comunicativos são construções de vínculos que agregam ou segregam indivíduos. *Agregar* no sentido da interação entre indivíduos vinculados sob o termo "nós" e *segregar* no sentido de que a constituição do "nós" implica na observação de outros grupos denominados "outros", os que "estão fora".

Analisando essa questão, Baitello⁶ nos lembra a comparação entre outros animais gregários e o homem na perspectiva do cientista do comportamento Irenäus Eibl-Eibesfeldt:

Em geral esses grupos são fechados, vale dizer: os membros do grupo se conhecem entre si e negam a entrada aos estranhos. A tendência a guardar distância atua contrariamente ao impulso de buscar os seus iguais e travar um laço de amizade. Também o homem vive nesse campo de tensões entre o amor e o ódio, onde o impulso para travar conhecimento com seus semelhantes e a estabelecer relações amistosas é tão forte que mesmo na guerra as partes beligerantes, às vezes, intercambiam cigarros e param de atirar nos outros. Quando se dá esta inversão de valores na guerra, fala-se então de uma desmoralização da tropa⁷.

O etólogo Eibl-Eibesfeldt percebe, em seus estudos sobre a constituição das sociedades (humanas ou não), um "campo de tensões entre o amor e o ódio" que "apenas se dissolve na constituição dos chamados *rituais de vínculos*". Por isso, observamos, com Baitello, que "é deste campo de tensões que nasce a informação que, por sua vez, viabiliza a geração e a

organização das sociedades, complexos compostos de indivíduos vinculados entre si pelos múltiplos laços da comunicação: é a troca de informação que cria aquilo que chamamos de comunicação"⁸.

Em *Os alimentos do afeto*, um livro a respeito dos vínculos, o etólogo francês Boris Cyrulnik defende que as mais recentes reflexões sobre a afetividade no desenvolvimento das crianças não permitem isolar as emoções das representações. Por isso, nos seis capítulos da obra citada (O acaso de nossos encontros seria determinado? Em que pensam os fetos? A quem pertence a criança? A violência que destrói poderia ser criadora? O mais incestuoso dos incestos? O traço ou o relato?) o autor mostra que o recém-nascido organiza suas relações com os outros a partir de acontecimentos cotidianos de sua vida familiar, a partir dos vínculos do bebê com os familiares. Para o autor, "a cultura, desde os primeiros gestos que cercam o nascimento, impõe um código comportamental que estrutura a criança"⁹.

Saindo do campo da etologia, também podemos observar a importância dos vínculos nas obras de Michel Serres que, propondo a superação do paradigma cartesiano sintetizado na expressão "*eu penso, logo existo*", afirma categoricamente que a expressão da vinculação no universo animal – inclusive humano – se concebe como "*eu me religo, logo sou*", contexto no qual a idéia de relação precede a idéia de existência. Serres enfatiza que "no mesmo momento em que a política ou o público forçam a que se viva de maneira social e, pública, as redes de relações tornam impossível a vida sem relações"¹⁰.

Os vínculos permitem nossa constituição como animais em relação com outros animais de nossa espécie. Sabendo que

⁶ Idem, p. 87.

⁷ Irenäus Eibl-Eibesfeldt. *El hombre preprogramado*, p. 175.

⁸ Op. Cit., p. 88-89.

⁹ Boris Cyrulnik. *Os alimentos do afeto*, p. 12.

¹⁰ Michel Serres. *Hominescências. O começo de uma outra humanidade*, p. 248

uma criança já nasce em uma teia de vínculos que denominamos sociedade, lembramos importantes observações do sociólogo Norbert Elias em **A Sociedade dos Indivíduos**:

Não existe um grau zero da vinculabilidade social do indivíduo, um 'começo' ou ruptura nítida em que ele ingresse na sociedade como que vindo de fora, como um ser não afetado pela rede, e então comece a se vincular a outros seres humanos. Ao contrário, assim como os pais são necessários para trazer um filho ao mundo, assim como a mãe nutre o filho, primeiro com seu sangue e depois com o alimento vindo de seu corpo, o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade¹¹.

As relações face a face ainda carecem de uma maior atenção nos estudos comunicacionais

A expressão da vida social como vínculos entre espaços, como uma teia de vínculos, também foi observada por Elias quando estudou as relações entre os *estabelecidos* e os *outsiders* a partir de pesquisas realizadas na cidade de Winston Parva (nome fictício), no interior da Inglaterra. Na obra, publicada em parceria com John L. Scotson, Elias mostra que os grupos dos estabelecidos e os grupos dos *outsiders* só "puderam encaixar-se nos papéis de estabelecidos e *outsiders* por serem interdependentes"¹².

Outras ciências estudaram os vínculos como articulação entre dois espaços. Entre elas destacamos a proxêmica, ciência que trata da noção de proximidade a partir do ponto de vista comunicativo. Edward T. Hall, antropólogo norte-americano, estabeleceu, no contexto sociocultural em que vivia, quatro níveis proxêmicos: 1. A distância íntima, que é a do contato físico, do amor e da

amizade; 2. A distância pessoal ou privada, que se situa entre os 45 e 120 cm; 3. A distância social ou das relações sociais, que se situa entre os 120 e 360 cm; 4. A distância pública, reservada para pessoas públicas e líderes de opinião, que se situa a partir dos 360 cm. As observações de Hall¹³, mesmo limitadas ao contexto sociocultural no qual viveu o autor, reiteraram nossa percepção de vínculos como articulações entre espaços.

Envolvidos em teias de vínculos estudaremos as diversas formas utilizadas nas relações entre os homens, os diversos *mídia* (plural de *medium*) que chamaremos, conforme classificação de Harry Pross, de *mídia primária*, *mídia secundária* e *mídia terciária*.

Mídia Primária

As relações face a face, fortemente marcadas pela troca de gestos e sons, tão importantes na comunicação interpessoal, na atuação de um repórter sensível aos gestos de um entrevistado, na produção das mensagens audiovisuais, no trabalho de um profissional de marketing ou de um profissional de relações públicas, ainda carecem de uma maior atenção nos estudos comunicacionais.

Harry Pross apresentou a classificação das mídias na obra **Medienforschung (Investigação da Mídia)**, publicada em 1971. Propôs, conforme citação de Norval Baitello no texto **O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária**¹⁴, "uma classificação muito simples dos sistemas de mediação, da chamada mídia". Do

¹¹ Norbert Elias. *A Sociedade dos Indivíduos*, p. 31.

¹² Norbert Elias. *Os estabelecidos e os outsiders*, p. 181.

¹³ Devemos considerar que os estudos de Hall estão limitados à percepção norte-americana. Conf. Balsebre, Armand. *El lenguaje radiofónico*, p. 51 e Hall, Edward T. *The silent language*.

¹⁴ Norval Baitello. "O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária". In: Neto, Antonio Fausto et al. (Org.) *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*, p.231.

texto citado frisamos a tradução de duas importantes afirmações de Pross:

Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a esse ponto¹⁵.

Na mídia primária juntam-se conhecimentos especiais em uma pessoa. O orador deve dominar gestualidade e mímica (...) o mensageiro deve saber correr, cavalgar, dirigir e garantir assim a transmissão de sua mensagem¹⁶.

Ainda citando Norval Baitello, observamos que Pross "segue descrevendo as infinitas e ricas possibilidades comunicativas da mídia primária, lembrando a expressividade de olhos, testa, boca, nariz, postura da cabeça, movimento dos ombros, andar, postura corporal, tórax e abdômen, mãos e pés, sons articulados e inarticulados, odores, cerimoniais, ritmos e repetições, rituais e, por fim, as línguas naturais (naturalmente inclui-se af a linguagem verbal falada)"¹⁷.

A Teoria da Mídia desenvolvida por Harry Pross foi objeto de atenção e ampliação por parte da Escola de Antropologia Histórica da Alemanha, sob a orientação do filósofo Dietmar Kamper, falecido em 2001. No Brasil, essa perspectiva teórica subsidia as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, o CISC. Entre as diversas raízes do pensamento de Harry Pross, cientista da comunicação, podemos citar, por exemplo, Ernst Cassirer¹⁸, o neo-kantiano que estudou o homem como animal simbólico.

A Teoria das Mídias também dialoga com o estudo dos códigos hipolinguais (biológicos), linguais (sociais) e hiperlinguais (universo dos símbolos), desenvolvido pelo tcheco Ivan Bystrina. Na rede que armamos para capturar as diversas formas de víncu-

los, dialogamos com Bystrina para percebermos a interação entre as ciências da comunicação e as ciências da cultura.

Quando observamos o corpo como mídia primária não estamos apenas nos referindo às suas funções biológicas. Percebemos que o corpo, além de ser um organismo vivo, uma expressão da natureza, também tem sua memória cultural. Considerando os gestos feitos com as mãos como textos culturais, tecidos durante um processo histórico, percebemos que pouco conhecemos de alguns processos comunicativos, como o cuidado dos primatas para com seus filhotes, a importância do toque de um adulto em uma criança e a beleza da carícia entre homem e mulher.

As formas de tratar o corpo como texto da cultura foram recentemente expostas por Cleide Riva Campelo na obra *Cal(e)idoscorpos - um estudo semiótico do corpo e seus códigos*. Nessa obra, Campelo afirma:

Já ficou demonstrado que é tarefa para titãs a de revelar e compreender os textos que o corpo humano continuamente produz: o nu, as roupas mais diversas, as cicatrizes que o corpo vai colecionando, a língua falada, os gestos, a máscara da profissão, os objetos fabricados por este corpo que hoje com ele se mesclam como novas partes / textos deste mesmo corpo". (...) "O corpo aprende outras coisas: o andar ereto, o falar, as ações culturais todas têm que ser aprendidas. Mas o homem traz potencialidade para todas essas ações de cultura: já nasce aparelhado, equipado, mas precisa do exemplo e da prática para executá-las"¹⁹.

Um estudo sobre o significado humano da pele, provavelmente o mais impor-

¹⁵ Harry Pross. *Medienforschung*, p. 128.

¹⁶ *Idem*, p. 127.

¹⁷ *Op. Cit.*, p. 231.

¹⁸ Pross cita com frequência a obra *An Essay on Man - an introduction to a philosophy of human culture*, publicada em 1944. Conf. Cassirer, E. *Ensaio sobre o Homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana*.

¹⁹ Cleide Riva Campelo. *Cal(e)idoscorpos. Um estudo semiótico do corpo e seus códigos*, p. 64.

tante sobre o tema, foi desenvolvido por Ashley Montagu em *Tocar. O significado humano da pele*. Para o autor, não são apenas as palavras, mas também os atos de comunicação de afeto e envolvimento que marcam a vida das crianças e dos adultos. "As sensações táteis tornam-se percepções táteis segundo os significados dos quais foram investidas pela experiência. (...) Quando o afeto e o envolvimento são transmitidos pelo tato, são com estes significados, além dos de provimento de segurança através de satisfações, que o tato passará a estar associado. Esse é, portanto, o significado humano de tocar"²⁰.

Na obra *O que é sexo*, de Lynn Margulis & Dorion Sagan, encontramos preciosidades para o estudo da mídia primária, da comunicação do corpo, como por exemplo:

Textos imaginativos e criativos marcam a forma de "ver" e "usar" o corpo

O que chamamos de amor depende profundamente dos estratagemas naturais da bioquímica viva. Por exemplo, os odores que consideramos sexualmente atraentes no sexo oposto correlacionam-se com o potencial de sistemas imunológicos saudáveis

em nossos descendentes. (...) Desde o início da era cenozóica, quando nossos ancestrais mamíferos eram noturnos, as fêmeas distinguiam os machos com quem se dignavam a copular, usando a avaliação nasal e a memória. Sejam eles o que mais possam ser, o desejo sexual e o amor são antigos fenômenos biológicos quimicamente mediados²¹.

Recentemente, dez antropólogos brasileiros e estrangeiros foram convidados para analisar a cultura do corpo na obra *Nu e Vestido*, organizada por Mirian Goldenberg²². De acordo com a psicanalista Maria Rita Kehl, cada pesquisador "escolheu um aspecto da cultura: as academias de musculação; o

culto à praia; as operações plásticas e enxertos de silicone; o consumo de hormônios e anabolizantes; o cultivo do bronzeado; a moda (...). Para milhares de brasileiros, incentivados pela publicidade e pela indústria cultural, o sentido da vida reduziu-se à produção de um corpo. A possibilidade de inventar um corpo ideal, com a ajuda de técnicos e químicos do ramo, confunde-se com a construção de um destino, de um nome, de uma obra"²³. Entre as obras de divulgação encontramos a preocupação com o corpo expressa, por exemplo, em *"Dossiê do Beijo - 484 formas de se beijar"*, do jornalista Pedro Paulo Carneiro.

Ao estudar a importância da mídia primária, percebemos que todas as mídias se complementam e observamos que todas, inclusive as info-eletrônicas, fazem referência ao corpo, começam e se concretizam na interação entre os corpos. Antes dos aparelhos de uma emissora de rádio, por exemplo, e na frente de um rádio receptor, encontramos corpos que falam e ouvem. Reiteramos assim, nossa constatação a respeito da complementaridade entre as mídias e a referência de todas elas ao corpo.

A abordagem do corpo como mídia primária torna-se-á mais fecunda se o corpo for tratado como um "texto cultural". O conceito "texto cultural" foi analisado, entre outros, por Ivan Bystrina. Ao propor a observação de textos culturais, Bystrina deixa de analisar os fenômenos (inclusive os processos comunicativos) apenas como signos e passa a vê-los como "complexos de signos com sentido". Os textos, segundo o autor, apresentam tanto funções comunicativas (participar, informar) como funções estéticas, emotivas, expressivas ou outras funções sociais. Bystrina, a partir

²⁰ A Montagu. *Tocar. O significado humano da pele*, p. 379.

²¹ Lynn Margulis e Dorion Sagan. *O que é sexo?*, p. 145.

²² Mirian Goldenberg (Org.) *Nu e vestido*.

²³ Maria Rita Kehl. *Com que corpo eu vou?*, p.18

da função predominante em determinados textos, os classifica em três categorias: "*Textos Instrumentais*, cuja função primordial é atingir um objetivo instrumental, técnico e cotidiano, pragmático; *Textos Racionais*, que são textos lógicos como os textos matemáticos e os textos das ciências naturais e, por fim *Textos Criativos e Imaginativos*, como os mitos, os rituais, obras de arte, utopias, ideologias, ficções, etc"²⁴.

Tanto na mídia primária como na terciária, temos contato com uma série de expressões, tais como: fofocas, notícias, entrevistas, comerciais, debates, programas musicais, peças radiofônicas, documentários e outros formatos que, para utilizarmos os conceitos de Ivan Bystrina, trabalham com textos instrumentais, racionais ou, especialmente, criativos imaginativos.

Conforme indicamos anteriormente, o próprio "uso" do corpo, uma expressão da natureza, é marcado pelos textos culturais que exigem ou permitem determinadas posturas e gestos. É a cultura "reformatando" a natureza, um fato a ser aprofundado. Assim, textos imaginativos e criativos marcam a forma de "ver" e "usar" o corpo.

É importante destacar que Ivan Bystrina parte de pressupostos da Teoria dos Sistemas e da Fenomenologia para descrever a *primeira realidade* (natureza) com seus códigos hipolinguais (biológicos) e linguais (sociais); bem como a *segunda realidade* (cultura) com seus códigos hiperlinguais (textos culturais).

Ivan Bystrina, com o olhar de antropólogo, está preocupado em descrever raízes, em localizar fatores "fundadores" da Segunda Realidade. Assim, descreve a cultura como "conjunto de atividades que ultrapassam a mera finalidade de preservar a sobrevivência material" e garantem a "superação do medo existencial". No universo dos "textos imaginativos e criativos", conseguimos cuidar de nossa sobrevivência psíquica ou, em outras palavras, superar o constante desafio da morte.

Para ampliar a noção de mídia primária, também podemos analisar a formação dos códigos hipolinguais quando, com Bóris Cyrulnik, observamos a necessidade de estar com os outros, portanto sempre vinculados, como necessidade de ordem biológica. Quando os corpos experimentam o enfraquecimento dos vínculos, além de ficarem mais vulneráveis a doenças, também podem mais facilmente se envolver em situações sociais de violência. Problemas com os vínculos geram os processos de intolerância²⁵, descritos por Cyrulnik como incapacidade de nos distanciarmos de nosso próprio mundo de representações.

Nessa rede de vínculos, o estudo dos códigos, isto é, dos sistemas de regras que permitem a articulação de linguagens, nos obriga a observar as trocas de informações que precedem o universo dos "códigos culturais" estudados por Bystrina.

Enfatizando que a "necessidade de estar com é de ordem biológica", Boris Cyrulnik praticamente partilha a perspectiva de Ivan Bystrina, que considera os códigos genéticos e metabólicos (códigos hipolinguais) como portadores ou processadores de informações que circulam pelo corpo.

Através da metáfora de um foguete com dois andares, Cyrulnik explicita que o primeiro andar respeita as leis da natureza, e o segundo se projeta em direção ao planeta dos sinais. Na visão de Bystrina, o que o homem não resolve no campo dos códigos hipolinguais (biológicos) e linguais (sociais), pode resolver no universo dos códigos hiperlinguais (universo dos símbolos, universo da cultura).

Cyrulnik e Bystrina praticamente explicitam o que o neo-kantiano Ernest Cassirer, como citamos acima, já afirma-

²⁴ Ivan Bystrina. *Tópicos de semiótica da cultura*, p. 2.

²⁵ Malena Segura Contrera. *Em Mídia e pânico. Saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*, p. 86, a autora aprofunda a reflexão de Cyrulnik e enfatiza: "a perda da conexão, que pode ser entendida como um enfraquecimento nos vínculos, leva-nos à violência".

va a respeito do animal simbólico. O homem não vive apenas no mundo biológico, mas sobrevive, repetimos, num universo simbólico, permeado de crenças, narrativas, histórias, religiões, ciências e artes.

Quando Cyrulnik distingue o aquém do sinal e o além do sinal, relaciona o universo das pressões genéticas e ecológicas com o universo das representações. Quando mostra que o homem ao nascer procura o corpo da mãe, faz uma semiótica do mundo vivo, tal como já fizera Jacob Von Uexküll no mundo dos insetos, abelhas, zangões e libélulas.

A cultura aparece, assim, impregnada de raízes biológicas. Por isso, Cyrulnik lembra, por exemplo, que o estatuto natural da alimentação permite

aos seres vivos estruturar a alteridade. É a biologia exigindo e fundamentando a cultura e, por sua vez, a cultura influenciando a história do "uso" e expressões do corpo. Cyrulnik²⁶ mostra, por exemplo, que na medida em que nos vitelos a mediação da mãe atrasa a satisfação oral e impõe um ritmo gerador da estrutura da alteridade, na mesma medida o

respeito ao ritmo das coisas e dos outros possibilitaria uma ação terapêutica em relação aos homens e mulheres.

Essas reflexões, pautadas pelas relações entre ciências da cultura e da comunicação, marcam nossa preocupação com o corpo como mídia primária e mostram, na nossa leitura, a referência de todas as mídias ao corpo.

Compreendermos a comunicação através dos sons, trocados pelos corpos em processos de interação, é fundamental para entendermos, no decorrer deste trabalho, que os meios eletrônicos apenas ampliam os sons que cada pessoa deseja emitir, quer ouvir, precisa ouvir ou mesmo evitar, para satisfazer suas carências²⁷ sonoras.

Participando de processos de interação que denominamos vida em sociedade, um indivíduo supre suas carências biológicas ou culturais. Os sons, por exemplo, permitem a localização dos corpos dentro do ventre materno, dentro de uma caverna ou em movimento pelo planeta. O ouvido, além de captar sons, isto é, perceber ondas de compreensão e rarefação propagadas através de um meio, também é responsável pelo sentido do equilíbrio. O ouvido, também é de fundamental importância para o homem perceber a distância entre as coisas, delimitar o espaço, localizar-se nesse intervalo entre coisas ou indivíduos.

Outras importantes contribuições sobre o corpo como mídia podem ser encontradas na obra de Plessner. Segundo o autor, o corpo humano é uma unidade funcional, cuja presença orgânica é revelada pelas modalidades proprioceptivas das sensações cinestésicas e musculares. Entre os sentidos, destaca a audição como "sentido central dos sentidos humanos na esfera das sensações externas. Pelo tato, sente-se somente dentro de si próprio, dentro do órgão; a visão nos coloca longe de nós mesmos; a audição se encontra no meio, como mediadora"²⁸.

Como sabemos que a recepção do som é um processo que atinge toda nossa pele, especialmente o tímpano, podemos dizer que todo som é um tipo de massagem que nos conforta ou nos impulsiona. Massagem que nos coloca no tempo e no espaço, nos permite compreender o corpo como mídia primária, vinculado a outros corpos.

²⁶ Boris Cyrulnik. *Do sexto sentido. O homem e o encantamento do mundo*, p. 39

²⁷ A idéia de carências que exigem comunicação foram desenvolvidas por Harry Pross a partir da obra de Dieter Wyss. "Carências e necessidades geram a comunicação com os outros a fim de se conseguir o que se necessita". Conf. Wyss, Dieter apud Pross e Romano. *Atrapados en la red mediática. Orientación en la diversidad*, p. 106.

²⁸ H. Plessner. "Antropología dos Sentidos". In: Gadamer e Vogler (Org.). *Nova Antropologia*, p. 1-44.

Todo som é um tipo de massagem que nos conforta ou nos impulsiona

Mídia Secundária

Quando deseja vincular-se de forma mais especial, o homem utiliza máscaras, pinturas e adereços corporais. Estamos no campo da mídia secundária, conceito que, para Harry Pross, indica que o corpo está utilizando ferramentas, no sentido de aparatos ou suportes, para amplificar a força de suas mensagens no tempo e no espaço. É o que acontece desde as primeiras pinturas rupestres²⁹, passando pelo surgimento da escrita, até chegarmos ao mundo da pintura, dos impressos e dos livros.

Nesse contexto podemos lembrar a afirmação do educador Paulo Freire, para quem "o suporte veio fazendo-se mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador, criador de beleza e não espaço vazio a ser preenchido por conteúdos"³⁰.

As imagens reproduzidas nas cavernas ou nas revistas contemporâneas introduzem algumas novidades nas formas de percepção da realidade. Um animal selvagem ou um corpo humano, quando reproduzidos através de uma imagem, perdem suas dimensões tridimensionais e são apresentados como bidimensionais. Essa novidade acarreta um desafio cultural que hoje marca o universo dos meios de comunicação: a transformação do corpo tridimensional em imagens bidimensionais, com a conseqüente busca, por parte dos corpos reais, da adequação do corpo real à imagem bidimensional – representação plana - do corpo mostrada pelas revistas femininas ou masculinas.

A escrita inaugurou, podemos dizer, a era do virtual. Um pintor ou escritor está virtualmente presente, ou ao menos emitindo mensagens no momento em que sua obra é contemplada ou fruída por alguém. Ao entrar em um museu ou ler um livro, uma pessoa mantém uma relação profunda, um vínculo especial com o emissor, sem

necessitar de nenhuma ferramenta ou aparelho de decodificação. Essa era do virtual, criada no momento em que o homem fez as primeiras incisões ou traços sobre as pedras, possibilitou, conforme Norval Baitello, a vitória simbólica sobre o tempo. Mesmo morrendo aos cem anos, um homem continua virtualmente presente entre seus interlocutores durante o tempo que durarem os registros deixados nas pedras, nos pergaminhos ou nos livros. Em contato com as mensagens que ficam registradas nos suportes citados, outros homens experimentarão a importância do tempo lento da escrita, isto é, do tempo lento da decifração das mensagens registradas, conforme observou Pross em sua Teoria da Mídia. Na mesma linha, Baitello enfatiza que "o grande trunfo da escrita não é, portanto, a velocidade, mas a lentidão que permite cifrar e decifrar enigmas. O tempo lento da escrita e da leitura permite alongar a percepção do tempo de vida"³¹.

²⁹ A respeito das inscrições ou incisões que o homem começou a fazer sobre as pedras, lembramos o título da revista digital Ghrebh-, editada pelo Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Na apresentação da primeira edição da revista encontramos: "GHREBH-, em indoeuropeu significava 'cavar, escavar', transformou-se, no germânico antigo, em /graban/ com o significado de 'escavar'; transformou-se também em /graver/ (francês) com o sentido de lavrar em oco ou em relevo uma inscrição ou figura. As variantes GEREBH- ou GERBH- significam 'riscar, arranhar'. Dão origem ao anglo-saxônico /ceorfan/ 'recortar', ao alto alemão antigo, /kerban/ 'fazer uma incisão', ao norueguês /krabbe/ 'escavar'. Em grego deu /graphein/, como 'gravar, lavrar em baixo ou alto relevo uma inscrição ou figura, escrever'. Em latim /graphium/ significa 'estilo, ponteiro para escrever na cera' e /graphiarium/ quer dizer 'estojo para guardar os estiletos com que se escrevia'. Dessa raiz comum vieram todas as palavras derivadas e compostas de gravar e grafia como biografia, gráfico, grafite, parágrafo, gravação, gravura. Também dessa mesma raiz provém o grego /gramma/, com o significado de 'letra, linha' e seus compostos e derivados como programa, gramática, epigrama, anagrama, cardiograma e telegrama". Disponível em: www.cisc.org.br/ghrebh. Acesso em 20 jan. 2004.

³⁰ Paulo Freire. *Pedagogia da autonomia*, p. 51.

³¹ Norval Baitello. "O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária". In: Neto, Antônio Fausto et al. *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*, p. 235.

A escrita surge marcada por um paradoxo. Ao mesmo tempo em que obriga o homem a ler da esquerda para a direita (no hebraico, da direita para a esquerda) e de cima para baixo, conduzindo os olhos por caminhos sempre dados, permite também, paradoxalmente, o jogo das palavras, tal como acontece nas obras literárias. Para observarmos essa questão, recorremos a Roland Barthes:

Entendo por literatura não um corpo ou uma seqüência de obras, nem mesmo um setor do comércio ou do ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visto portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o texto. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto³².

Homogeneidade,
uniformidade e
continuidade

A uniformidade e a repetibilidade possibilitada pela invenção de Gutenberg gerou o que McLuhan chamou de "destribalização". De um universo tribal, marcado por preocupações gregárias, pela força da repetição oral de histórias captadas por "ouvidos" reunidos ao redor da mesa, passamos para o mundo da escrita, no qual os alfabetizados podem ler a respeito de temas e problemas que estão muito distantes da "tribo" à qual estavam plenamente integrados. É por isso que McLuhan chamou o rádio, uma mídia eletrônica, de "tribal drum" (tambores tribal) que, de modo diferente, retoma o universo oral das "tribos". Observemos a passagem conforme as palavras de McLuhan:

A civilização se baseia na alfabetização porque esta é um processamento uniforme de uma cultura pelo sentido da visão, projetado no espaço e no tempo pelo alfabeto. Nas culturas tribais, a experiência se organiza segundo o sentido vital auditivo, que reprime os valores visuais. A audição, à diferença do olho frio e neutro, é hiperestésica, sutil e todo-inclusiva. As culturas orais agem e reagem ao mesmo tempo. A cultura fonética fornece aos homens os meios de reprimir sentimentos e emoções quando envolvidos na ação. Agir sem reagir e sem se envolver é uma das vantagens peculiares ao homem ocidental letrado³³.

A fascinante história da escrita ainda está pouco desenvolvida. No entanto, observamos que cada forma de expressão corporal através da mídia primária, da mídia secundária (entre elas, a escrita) e da mídia terciária nos mostram diferentes culturas, diversos textos culturais organizados a partir de muitas formas de vinculação. É o próprio McLuhan que nos lembra³⁴ que, à medida em que saímos da era Gutenberg em nossa própria cultura, melhor podemos compreender os seus traços fundamentais: homogeneidade, uniformidade e continuidade.

No universo das imagens que representam de forma bidimensional, plana, os objetos que de fato são tridimensionais, nos tornamos ávidos por imagens e também dependentes das imagens. Nesse sentido, retomamos um alerta de Baitello: "Quanto mais olhamos para as imagens externas, menos enxergamos nossas imagens internas e menos ainda geramos nossas próprias imagens. Por isso, faz-se necessário resgatar a noite e suas outras visões, resgatar o crepuscular com suas imprecisões e ambivalências, resgatar o escuro que nos

³² Roland Barthes. *O grau zero da escrita*, p. 17.

³³ Marshall McLuhan. *Understanding Media. Os meios de comunicação como extensões do homem*, p. 105.

³⁴ McLuhan mostra a relação da homogeneidade, uniformidade e continuidade da escrita com o poder de ascendência dos gregos e romanos sobre os que chama de "bárbaros não-letrados". "O bárbaro ou homem tribal, ontem como hoje, sentiu-se embaraçado pelo pluralismo, pela singularidade e pela descontinuidade de sua própria cultura". *Conf. Op. Cit.* p. 107.

faz ver o mais íntimo, o mais profundo de nós mesmos"³⁵.

Esse resgate das imprecisões e ambivalências, bem como a visão da noite como possibilidade de revelação, muito lembram o primeiro estágio da humanidade descrito por McLuhan como *tribalização*. A expressão oral dos sentimentos ao redor do fogo permite uma vinculação que fica potencializada ou reduzida no contexto da escrita, que tudo quer esclarecer, iluminar e mostrar. Não queremos ser saudosistas e reduzir tudo ao retorno à mídia primária, mas precisamos manter a referência primordial ao corpo mesmo no contexto da escrita, em pleno desenvolvimento da mídia secundária.

Ao estudarmos a mídia terciária, na qual se inscreve, por exemplo o rádio e a rede mundial de computadores, no próximo item perceberemos o quanto estamos envolvidos em uma teia comunicativa.

4. Mídia Terciária

Se no universo das relações cotidianas o homem produz sons para estabelecer vínculos, no universo da cidade os indivíduos participam dos grandes processos sonoros e visuais mantidos pelos meios eletrônicos. Estamos no campo da mídia terciária porque, segundo Pross, nela todos os corpos envolvidos no processo comunicativo precisam de ferramentas. Equipamentos de emissão e recepção de rádio, exemplos de mídia terciária, mantêm uma paisagem sonora, na qual se movem os moradores das grandes cidades. As carências humanas, especialmente as sonoras, são supridas através de equipamentos de transmissão de ondas eletromagnéticas, que tanto veiculam códigos linguais, informações verossímeis sobre o tempo e o trânsito, como também emitem informações da ordem dos sonhos, das narrativas, dos símbolos políticos ou religiosos. Estamos, para utilizarmos o conceito de Ivan Bystrina, também no campo dos códigos hiperlinguais ou códigos culturais.

Nesse processo, podemos lembrar que o homem sobrevive participando de uma

múltipla teia de códigos. No campo biológico temos, por exemplo, o sistema humoral (endócrino, sanguíneo, linfático...), que regula os processos vitais com códigos hipolinguais. No campo das interações de sobrevivência, ainda contamos com os códigos linguais, que nos permitem a vinculação com outros indivíduos, formando os organismos sociais. Por fim, articulando aos dois campos, apenas didaticamente colocados como anteriores, temos o campo dos códigos hiperlinguais, que nos permitem sobreviver, rememorando ou participando de narrativas que dão suporte à vida cotidiana e projetam o futuro. Estamos no campo das narrativas veiculadas também pelos meios eletrônicos ou, para usarmos o conceito de Pross, no campo da mídia terciária.

Se, na mídia primária, um homem consegue falar diretamente para um pequeno grupo, ou no máximo para um grande grupo reunido em uma arena de teatro, através dos meios eletrônicos os comunicadores expressam o fato que Harry Pross denomina "economia dos sinais". Os meios eletrônicos, utilizando aparelhos de emissão e recepção, economizam a energia dos emissores que conseguem partilhar sons com um maior número de pessoas. Como exemplo, lembramos que as ondas que reverberam no interior de um pequeno estúdio de uma emissora de rádio, através dos mecanismos de codificação e decodificação de sinais eletromagnéticos, através de aparelhos emissores e receptores, possibilitam a economia de sinais, quando chegam a uma multidão de radiouvintes.

De acordo com Harry Pross, "a economia dos sinais divide as tecnologias da comunicação, os meios, conforme sua finalidade com o objetivo de alcançar os espaços mais amplos possíveis com o menor gasto possível de biotempo orgânico e o maior número possível de seres vivos no menor tempo possível"³⁶. Nesse sentido, o indi-

³⁵ Norval Baitello. "A visão crepuscular e as imagens internas". In: Elisabeth Leone. *À revelia da luz*, p. 6-9.

³⁶ Pross e Romano. *Op. Cit.*, p.60.

víduo fica envolvido em uma rede de símbolos que faz com que a simples expressão “um bom dia para nossos ouvintes” não indique apenas que o sol nasceu, mas especialmente uma rede de símbolos que envolve os homens. Mais uma vez, mesmo utilizando limitadas denominações técnicas, como ‘emissora de rádio’ ou ‘aparelho receptor’, estamos diante de um processo de participação.

Estudando a mídia terciária não podemos simplificar as explicações sobre a dimensão do tempo utilizada, por exemplo, no meio rádio. Percebemos que o rádio, como um exemplo de mídia terciária, remete a um universo simbólico que trabalha com narrativas que dão – ou não – sentido ao nosso tempo de cada dia.

A inserção em uma teia de vínculos construída pelas mídias (primária, secundária e terciária), nos permite compreender que cada indivíduo participa da comunicação, mais do que é a sua origem ou ponto de chegada. Tal concepção pode ser observada por Albert Schefflen³⁷, para quem “a partitura da comunicação não foi formulada por escrito e, em certa medida, foi aprendida inconscientemente”³⁸. É nesse sentido

Um modelo orquestral da comunicação, em oposição ao modelo telegráfico

que o belga Yves Winkin, estudioso dos trabalhos elaborados pela Escola de Palo Alto (ou Colégio Invisível), observa que poderíamos, em termos didáticos, falar de um modelo orquestral da comunicação, em oposição ao modelo telegráfico. “O modelo orquestral equivale, na verdade, a ver na comunicação o fenômeno social que o primeiro sentido da palavra traduzia muito bem, tanto em francês quanto em inglês: o pôr em comum, a participação, a comunhão”³⁹. A analogia da comunicação, como participação em uma orquestra, também pode ser expressa através da comparação com uma partida de futebol, conforme metáfora didática apresentada por Baitello. Vínculos, regras,

iniciativa, participação, gritos e gestos de fato mostram que o processo comunicativo é bem mais semelhante à imprevisibilidade de uma partida de futebol, do que à previsibilidade (estímulos e respostas) do modelo telegráfico.

Os sons, trocados diretamente entre os corpos ou através dos meios eletrônicos, explicitam espaços e ritmos que permitem a sincronização da vida nas grandes sociedades. Quando duas pessoas usam, por exemplo, uma ferramenta MUDs (Multi User Domain / Domínio Multi Usuário) ou MOOs (Multi User Domain Object Oriented / um MUD educacional), diante de computadores conectados à Internet em São Paulo e em Porto Alegre, sempre temos dois corpos diante das telas. Nessa perspectiva, somos desafiados a reconsiderar a sugestão proposta pelo comunicólogo espanhol Vicente Romano: a articulação de uma “ecologia da comunicação” para resgatarmos o espaço e o tempo para a vivência das relações humanas. Romano, no contexto do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e da velocidade dos fluxos urbanos, enfatiza a necessidade da redescoberta do fato que “a essência do homem é a conquista contínua da liberdade em cooperação com os demais”⁴⁰. Portanto, corpos vinculados com ou sem uso das tecnologias.

Mais do que sermos controlados pela velocidade dos meios de comunicação, precisamos retomar a força da vida como encontro, abraço, afeto e solidariedade, que nos faz, segundo Dietmar Kamper, superar a “cisão entre o tempo da natureza, o tempo do corpo, por um lado, e o tempo das máquinas, por outro lado”⁴¹. Possivelmente só sairemos dessa cilada, quando conseguirmos resgatar o nosso corpo.

³⁷ Albert Schefflen. *Communicational structure: analysis of a psychotherapy transaction*. Apud: Winkin, Yves. *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*, p. 34.

³⁸ Schefflen apud Yves Winkin. *Op. Cit.*, p. 181.

³⁹ Yves Winkin. *Op. Cit.*, p. 34.

⁴⁰ Vicente Romano. *Desarrollo y progreso. Por una ecología de la comunicación*, p. 172.

⁴¹ Dietmar Kamper. *O trabalho como vida*, p. 36.

Concluímos que a complementaridade entre as mídias e a referência de todas elas ao corpo, possibilitam a emergência de novas perspectivas no estudo das Teorias da Comunicação. Os meios eletrônicos assumem seu papel de sincronizador social; os cidadãos são chamados a acertar sua posição dentro da cidade. Para que ela funcione, os sistemas comunicativos têm sempre a função ordenadora que implica a criação de ritmos, tais como já conhecemos

na vivência biológica dos sistemas respiratório e circulatório.

No momento em que as tecnologias de transmissão de imagens e sons tudo querem mostrar, esclarecer e iluminar; pressionando o movimento do corpo, obrigado a se adequar aos ritmos das máquinas, entendemos que todo estudo sobre comunicação começa com o estudo dos vínculos e a percepção do próprio corpo, realizável somente quando os corpos estão vinculados.

Referências bibliográficas

- BATTELLO, Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo, Annablume, 1997.
- _____. "Comunicação, Mídia e Cultura". In: **São Paulo em Perspectiva**. 12 (4), 1998, p.11-16. São Paulo: Fundação Seade.
- _____. "O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária". In: NETO, Antônio Fausto et al. (Orgs.). **Interação e Sentidos no Ciberespaço e na Sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- _____. "A visão crepuscular e as imagens internas". In: LEONE, Elisabeth (Curadora). **À revelia da luz**. São Paulo: Unicid, 2001b.
- _____. "O olho do furacão. A cultura da imagem e a crise de visibilidade". In: MOTTA, Luiz G. et al. (Org.) **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora da UnB e Compós, 2002.
- BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Catedra, 2000.
- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de Semiótica da Cultura**. São Paulo: CISC, 1995
- CAMPELO, Cleide Riva. **Cal(e)idoscorpos. Um estudo semiótico do corpo e seus códigos**. São Paulo: Annablume, 1996.
- CASSIRER, Ernst. **An Essay on man (1944). Ensaio sobre o homem: uma introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- COHN, Gabriel (Org.) **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: EDUSP, 1971.
- CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico. Saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.
- CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido. O homem e o encantamento do mundo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.
- DEFLEUR, M.L. e BALL-ROLEACH, S. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio: Zahar, 1993.
- EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. **El hombre preprogramado**. Madrid: Alianza, 1983.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. **Engagement und distanzierung. Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOLDENBERG, Mirian. (Org.) **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HALL, Edward T. **The silent language**. New York: Doubledau Garden, 1959.

- KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1998.
- KEHL, Maria Rita. "Com que corpo eu vou"? **Caderno Mais. Folha de S. Paulo**. Domingo, 30/06/2002. p.18
- LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LIMA, Venício. **Mídia: Teoria e Política**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O espelho e a máscara. O enigma da comunicação no caminho do meio**. São Paulo: Discurso Editorial / Ijuí: Editora Unijuí, 2002.
- MARGULIS, Lynn & SAGAN, Dorion. **O que é sexo?** Rio: Jorge Zahar, 2002.
- MATTELART, A e MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- McLUHAN, Marshall. **Understanding Media. Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MONTAGU, A. **Tocar. O significado humano da pele**. São Paulo: Summus, 1998.
- PLESSNER, H. "Antropologia dos sentidos". In: GADAMER e VOGLER (Org.). **Nova Antropologia. O homem em sua existência biológica, social e cultural. Vol. 7**. São Paulo: EDUSP/EPU, 1977. p. 1-44.
- PROSS, Harry. **Medienforschung (Investigação da mídia)**. Darmstadt: Carl Habel, 1971.
- ROMANO, Vicente. **Desarrollo y progreso. Por una ecología de la comunicación**. Barcelona: Editorial Teide, 1993.
- PROSS, Harry e ROMANO, Vicente. **Atrapados en la red mediática. Orientación en la diversidad**. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1999.
- SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **Hominescências. O começo de uma outra humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TRIVINHO, Eugênio. "Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do cyberspace". In: SILVA e FRAGOSO (Org.) **Comunicação na Cibercultura**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- _____. **O mal-estar da teoria. A condição da crítica na sociedade tecnológica atual**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- WINKIN, Yves. **A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, 1998.
- WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.